

MARATONA DA SBPC

Glaci Zancan fala da “viagem ao Brasil” que a entidade dos cientistas empreende, para colher dados e arregimentar forças na batalha por uma nova política nacional de educação e C&T



Fotos: Daniel Garcia

A nova presidenta da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a bioquímica Glaci Zancan, professora da Universidade Federal de Curitiba, assumiu o cargo disposta a levar em frente aquele que talvez seja o mais ambicioso programa já realizado pela entidade: a Maratona SBPC-2000, um mapeamento dos problemas enfrentados pela comunidade universitária e acadêmica em todos os Estados do país. No dia 30 de agosto, na sede da SBPC em São Paulo, no histórico prédio da Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antonia, Glaci concedeu entrevista a **Fernanda Franklin** e **Pedro Estevam da Rocha Pomar**, da Revista Adusp.

“A idéia é dar à nação um panorama real da situação das universidades, da ciência e tecnologia no país”, explica Glaci, para quem só é possível superar a situação crítica enfrentada hoje pelo setor se a sociedade reconhecer a importância da C&T no desenvolvimento nacional. A Maratona surgiu de uma sugestão do reitor da UnB, Lauro Morhy, submetida à 51ª Reunião Anual da entidade, realizada em julho último em Porto Alegre. Seus achados e constatações serão examinados e discutidos na 52ª Reunião Anual, que terá lugar em Brasília.

Capitaneada pelos dois vice-presidentes da entidade, Marco Antonio Raupp e Vilma Figueiredo, a Maratona foi lançada em Brasília no dia seguinte à entrevista, e teve início em Recife, Campina Grande e Natal, nos primeiros dias de setembro. Até abril do ano 2000, está prevista a realização de onze “encontros de debates” nas diversas regiões do país.

A Maratona, assim, está articulada também à necessidade de conquistar a adesão da sociedade na disputa (Glaci usa a expressão “choque”) entre a comunidade científica e a “administração econômica do país”. A presidenta da SBPC evita atacar frontalmente a política econômica e social vigente no Brasil: “Se o modelo que está aí não é bom, se o modelo é ruim porque prejudica

socialmente, é isso que está se notando, nós temos que encontrar alternativas para o modelo. E isso vai exigir criatividade”. No seu entender, é precisamente este o papel que cabe à entidade: levantar opções para a economia nacional.

“Porque, se nós estamos num regime democrático, só vamos poder mudar via voto. A conscientização da população, o trabalho de melhoria do nível de consciência da cidadania. E a academia tem que fornecer intelectualmente as alternativas. A gente não pode pensar que vai resolver com messianismo”, sustenta Glaci. A seguir, os principais tópicos de sua entrevista.

PRIORIDADE PARA C&T

Nós não mudamos de posição. Nós achamos que educação, ciência e tecnologia devem ser prioritárias. No entanto, não é assim que os condutores da política econômica pensam. Essa é uma discussão permanente. A forma de sobrepor esse choque entre o que a gente considera que é prioritário, e o que a administração econômica do país considera prioritário, é fazer com que a sociedade reconheça a importância da educação, ciência e tecnologia para o desenvolvimento nacional. Então, o enfoque nosso vai ser nesse sentido agora: tentar convencer a sociedade de que essa área é importante.

MOTIVAR A SOCIEDADE

Os governos são eleitos, os governos devem passar. Portanto, o convencimento da sociedade inde-

pende do governo. Se a curto prazo nós não conseguirmos mudar a posição política do país, temos que conseguir mudar via eleição. E para isso é preciso que o povo saiba exatamente aquilo que ele quer. Então, não vejo nenhuma contradição no trabalho de tentar motivar toda a comunidade para a importância da educação, ciência e tecnologia para o futuro do país. Acho que talvez a gente tenha problemas imediatos, mas certamente poderemos pensar em resolvê-los em médio prazo.

ESTÁGIO DOCENTE

Se for pedagógica, ou seja, se for para a formação do aluno, é uma boa iniciativa. Se for para substituir docentes que têm que exercer suas atividades, é uma péssima idéia. Do ponto de vista de você formá-los para que eles sejam capazes de exercer melhor o magistério posteriormente, já que a grande maioria dos egressos da pós-graduação vai para o ensino superior, eu acho bom. Agora, não é possível pensar que se vai fazer um treinamento de um aluno para que ele seja bom profissional substituindo aqueles que devem fazer o serviço das universidades.

Ninguém vai obrigá-los a fazer 40 horas de aula. Por exemplo, o que nós temos feito, e já vínhamos fazendo antes, é fazer com que os alunos participem numa carga horária de uma disciplina convencional, portanto, um crédito, dois créditos, quer dizer, não é mais do que isso e nem acho que a Capes está pedindo mais do que isso.

“Se a curto prazo não conseguirmos mudar a posição política do país, temos que mudar via eleição. E para isso é preciso que o povo saiba exatamente aquilo que ele quer”

AUTONOMIA

Mandamos carta ao Ministro da Educação dizendo que consideramos que o anteprojeto na sua redação não é bom, e que portanto ele fica totalmente prejudicado. Se a forma jurídica não é boa, não tem nem como pensar em aplicá-lo, não é mesmo? Ele é muito detalhista. Temos defendido, em conjunto com a Academia Brasileira de Ciência, que às universidades deve ser dada autonomia, mas autonomia responsável, ou seja, as universidades vão ter que prestar contas, porque o dinheiro é público, dos recursos que a elas são alocados. Já chegamos até a propor que se tivesse um conselho para analisar os pedidos de projetos estratégicos das universidades.

Quer dizer, as universidades apresentariam o que pretendem, seria discutido e seria dada a autonomia. Não seria uma autonomia por decreto, mas uma autonomia analisada caso a caso, para ver o que a universidade pretende, como ela vai crescer. Não é uma autonomia absoluta, por decreto, mas sim uma autonomia racional e administrada.

PÚBLICAS x PRIVADAS

Por enquanto eu acho que a geração de conhecimentos no país é feita nas universidades públicas. Com exceção das confessionais, que são financiadas pelo Estado, como é o caso da PUC do Rio de Janeiro, como é o caso da PUC de São Paulo, as demais ainda têm que “crescer e aparecer”, elas ainda não existem, elas são escolas de terceiro grau.



Na montagem, Glaci aponta para outdoor sobre o ensino privado: “A geração de conhecimentos no país é feita nas universidades públicas, as demais são escolas de terceiro grau”

Portanto, a gente vai ter que pagar para ver, não é mesmo? Agora, o grande problema da área de produção científica no país é que a Fapesp consegue fazer com que as universidades de São Paulo sejam geradoras de conhecimento, com o suporte que ela dá, e com isso garante 50% da produção científica brasileira. Mas no restante do país a situação é muito complicada, as universidades federais e o CNPq estão praticamente sem recursos, com exceção dos programas mais ou menos específicos, como é o caso do PADCT e do Pronex. Os laboratórios que têm esses recursos têm condições de sobreviver, os outros não.

Então é muito angustiante a situação do resto do país inteiro. E isso se reflete no que você vê, todo mundo triste, desesperado. Na insatisfação, na desesperança, não é? Que precisa de qualquer maneira ser combatida, porque não se faz o pesquisador em um ano. É fácil des-

truir, o difícil é reconstruir. A gente precisa preservar São Paulo se quiser preservar a ciência do país. Mas, por outro lado, precisa fazer o resto do país crescer, para que não seja só São Paulo a cultivadora de conhecimentos. E é para tentar levantar todos os problemas e potencialidades do país que nós estamos iniciando amanhã uma longa caminhada, na preparação da reunião anual do ano 2000, que vai ser em Brasília.

A MARATONA DA SBPC

Estamos chamando todos para discutir, porque há uma diferença muito grande das necessidades da população em ciência e tecnologia, dos níveis intelectuais e de desenvolvimento da pesquisa nos diferentes Estados da federação. A gente precisa conhecer isso, ver se pode alavancar sugestões de ações e de idéias que permitam um crescimento mais harmônico de toda a federação. Essa jornada só vai acabar em abril ou maio do ano

“Quem sabe se o grande problema do país é a centralização da ciência e tecnologia, da pós-graduação, tudo, no Sudeste. Precisamos ver como resolver esse problema”

“No MIT, maior centro de tecnologia dos EUA, não chegam a 15% os recursos de empresas. O governo entra com a maior parte do financiamento”

que vem. Os dois vice-presidentes da SBPC vão sair, junto com a Universidade de Brasília (UnB), porque a secretaria regional é Brasília e a UnB é a sede, e vão começar essa maratona.

A idéia é uma discussão, em todos os Estados, dos problemas da ciência e tecnologia. Na realidade estamos começando a trabalhar para dar à nação um panorama real da situação das universidades, da ciência e tecnologia no país. Esperamos conseguir os dados para a discussão dos problemas, principalmente para motivação das pessoas, para encontrar soluções. Quem sabe se o grande problema do país é a centralização da ciência e tecnologia, da pós-graduação, tudo, no Sudeste. Precisamos ver como resolver esse problema.

COTAS E ENSINO PAGO

Fixação de cotas para ingressar na universidade não resolve. O que é preciso é melhorar a qualidade do ensino público de primeiro e segundo grau, para dar a todos a mesma oportunidade. Com relação ao financiamento, vejo que em nenhum lugar do mundo o pagamento pelos alunos resolve o problema, porque a pesquisa científica é cada vez mais cara e ela é, e tem sido sempre, atribuição do Estado. No MIT, que é o maior centro de tecnologia dos EUA, não chegam a 15% do total os recursos que entram por contratos com empresas. Se você analisar o que entra de taxas, também é pouco. Por outro lado, o governo dos Estados Unidos entra com a maior parte no caso do financiamento da pesquisa e

dos projetos, mas tem muita doação, doação de ex-alunos, por exemplo. Gostaria de saber quantos ex-alunos estão dispostos a contribuir para que a USP possa crescer, já que São Paulo é uma potência econômica e tem grandes fortunas que surgiram de ex-alunos da USP. Por outro lado, há um mito de se dizer que só os ricos vão para a universidade pública. Isso não é verdade. Esses números não são reais, então é preciso cair na real dos números.

A CRISE BRASILEIRA

Não consultei toda a minha diretoria, nem todo o meu conselho, portanto não tenho como emitir opinião sobre economia. Não sou economista, acho que é muito difícil fazer uma oposição formal desse tipo, essas coisas têm que ser



OBRA COLETIVA

“Esta grande maratona, certamente, mobilizará a inteligência e as melhores energias de milhares de brasileiros. Seus frutos generosos nos darão precioso acervo de visões, preocupações e recomendações práticas, todas voltadas para a conquista de uma sociedade mais consciente, mais determinada e mais justa, num momento crucial de nossa história.

Com este rico material — uma mostra da diversidade, do senso crítico e da capacidade criativa da nação brasileira — poderemos editar e oferecer ao país um volume com reflexões e contribuições consistentes sobre a tarefa essencial de superar as mais perversas injustiças e desigualdades nacionais e preparar nossa sociedade para os desafios da cultura e do conhecimento no novo milênio. A SBPC-2000 parte, claramente, da necessidade inadiável da retomada do desenvolvimento nacional com base no fomento e no avanço do fazer científico e tecnológico no país inteiro. Todos os brasileiros estudiosos e interessados em apresentar idéias e soluções estão convidados para a nossa maratona. Esta deve ser e será uma obra coletiva.” (SBPC, *via Internet*)

“Temos defendido que se deve dar às universidades autonomia responsável, ou seja, as universidades vão ter que prestar contas, porque o dinheiro é público”

debatidas, têm que ser discutidas, e a gente não pode sair falando de coisas que não tem como equacionar. Não temos nenhuma bola de cristal para saber os rumos da economia mundial. Na SBPC o que temos feito é discutir, cada assunto é discutido com o seu conselho. Como todo o universo humano é muito díspar, existem opiniões de todos os tipos, não é uniforme, não há coesão absoluta em todas as idéias, há uma discordância que é própria do meio acadêmico também, então penso que vivemos um momento muito, muito, muito difícil. A gente tem que buscar é que as cabeças pensantes do país pensem alternativas. Se o modelo que está aí não é bom, se o modelo é ruim porque prejudica socialmente, é isso que está se notando, nós temos que encontrar alterações para o modelo econômico. E isso vai exigir criatividade. Tentamos já fazer isso na Reunião Anual, convidando, fazendo mesas redondas e simpósios para debater alternativas de modelo econômico, alternativas de política de ciência e tecnologia. A política econômica norteia o resto. Deveria ser o social norteando a economia, mas não é assim, é o setor produtivo, a economia que norteia.

SUBSÍDIOS PARA A FORD

Eu diria que isso tudo é muito confuso, muito complicado. Sai do Rio Grande do Sul, vai para a Bahia, fecha São Paulo, quer dizer, uns negócios malucos. É um jogo

de forças muito grande, que eu não tenho, não sou capaz de meter a minha mão. Não, não, acho que isso é um jogo de forças, é um jogo de queda de braços, que nós, enquanto comunidade científica, não temos instrumentos para opinar, a não ser que houvesse dados para analisar e julgar. Quantos operários vão ser demitidos aqui, quer dizer, é preciso defender o emprego aqui, e isso acho que o governo de São Paulo vem fazendo bem.

O país vive muito do dia a dia. Nós precisamos mudar isso, temos que ter políticas estratégicas de longo prazo, se quisermos ser competitivos internacionalmente, está certo? Esse imediatismo é que mata. Em ciência e tecnologia não se faz nada correndo. O projeto educacional americano é para o ano 2061.

EDUCAR A POPULAÇÃO

Essa é uma tarefa que nós temos que nos impor, educar a população. Isso compete à universidade, é ela que forma toda a rede educacional. A gente sempre procura achar que são os outros que têm que fazer, mas somos nós que temos que fazer, assumir nossa responsabilidade social com a população brasileira, enquanto elite intelectual. Imagine que somos uma minoria, dentro de uma população pobre, extremamente injustiçada, pisada. Então temos que fazer nossa autocrítica, nós somos responsáveis. Voltar para a sociedade, para dar o retorno que ela espera.

Enquanto não formos capazes de mobilizar a população toda, para considerar a educação, a ciência e a tecnologia prioritárias, nós não vamos conseguir mudar o panorama do orçamento. Por exemplo, o trabalho magnífico que está sendo feito em Ribeirão Preto, foi publicado no MIT, com a vacina e a terapia de DNA contra a tuberculose, é uma amostra de como, quando bem aplicado o recurso, com criatividade, pode-se ter um retorno imenso. É importante que se diga que o Brasil tem muitas contribuições importantes, e que a gente não sabe.

Então outra tarefa da comunidade é divulgar aquilo que faz, para que a sociedade saiba o que está sendo feito, aonde está indo o recurso. O ataque à universidade deve-se ao desconhecimento, também, e isso compete à universidade combater. A Fapesp já tem um boletim, está divulgando, acho importantíssimo. A USP tem um trabalho de extensão fantástico, a Adusp podia mostrar isso.

Essa história de país grande com recursos infinitos não existe. Nós somos pobres, temos que racionalizar, analisar o custo-benefício de todas essas coisas. Os recursos não são suficientes, são poucos. Temos que ter o máximo de eficiência. Nós estamos com tudo em 10% do que deveria ser. Esta é que é a triste realidade. Teria que multiplicar tudo por dez. Só não sei como. **RA**